

Oi, Rejane:

Para leitura alternativa segue o material abaixo.

O livro de Milton Guran (fotógrafo e antropólogo) chama-se Adudás, Os "Brasileiros" do Benim.

É elogiado, na última capa, pelo diplomata Alberto da Costa e Silva, autor que cito em meu "Benin".

O livro é muito interessante, e faz-me rememorar coisas que ouvi e vi tempos atrás, com relação às comunidades de "brasileiros" retornados e de descendentes que fizeram questão de manter o vínculo, por "nobre", com a origem num país, à época, poderoso. Já em meu "Benin", escrito como sabes antes da leitura do livro de Milton Guran, quando o personagem Custódio faz uma escala em Lagos encontra-se com um "brasileiro" rico, que lhe abre as portas da sociedade nigeriana. Um Sousa (que eu quis colocar com "s" ao invés de "z").

Mas, por enquanto, não li todo o livro ainda. A seguir algumas coisas curiosas.

Trecho do Livro "Aguás":

*"De fato, o primogênito de iaiá Talabi Constancia Pereira dos Santos, Octaviano Olympio (1859-1940), foi um dos fundadores da cidade de Lomé, onde ele mantinha várias plantações, e que é hoje a capital do Togo. Aliás, consta que foi ele o introdutor do coqueiro dito da Bahia nesta região da Costa. Quando os alemães se instalaram no Togo, foi Octaviano quem os recebeu, discutiu com eles e em seguida traduziu as suas propostas para os chefes locais. Ele também fabricou os tijolos, forneceu os operários e administrou as obras de construção dos primeiros edifícios coloniais de Lomé.*

*O presidente Sylvanus Olympio nasceu em Kpando no sudoeste da Togolândia alemã, a 6 de setembro de 1902. Sua mãe - se chamava Afê, e ele era o primogênito dos trinta filhos de Epiphanyo Elpidio Olympio, riquíssimo comerciante estabelecido primeiramente na Costa do Ouro britânica, depois no Togo. Sylvanus fez seus estudos primários em Lomé, na Missão Católica Alemã, e a seguir frequentou a escola secundária inglesa antes de obter seu certificado de estudos numa escola francesa, já que então o Togo era um território sob o mandato da Sociedade das Nações, e estava confiado à tutela alemã".*

A seguir, excerto do conto Um Belo Alemão:

"Saiu, pouco após, para uma inspeção preliminar a alguns locais que poderiam acolher a primeira olaria naquele recanto da África. Pensava assim quando deixou o Brasil. Sua experiência noturna C a aventura bélica, protegido por Abena C punha no mesmo nível de dúvida, ser a unidade que iria montar, verdadeiramente, a pioneira e haverem os europeus lutado pela fábrica de cerâmicos. O esplendor radiante do novo dia, que incutia no espírito de Fritz uma sensação de renascimento, fê-lo desviar a emergente e, considerou para si mesmo, irrelevante dúvida. Chutou uma fruta de cacau já oxidada caída no chão; olhou distraidamente para o céu de profundo azul, sem qualquer nuvem e deu um impulso enérgico no corpo esguio, estirando os braços para trás, aprumando a cabeça, os olhos agora fixos à frente. Foi adiante, soprando, lábios semicerrados, como no bocal de um instrumento, o som de uma velha marcha marcial colonial alemã.

Foram caminhando por entre pequenas roças C onde plantavam-se mandioca, inhame, abóbora, batata-doce, pepino, pimentas e cacau C no afã de alcançar os pontos prováveis para a fábrica. Bom indício de que haveria jazida de barro, era a presença, nas imediações, de oleiras. Eram mulheres que fabricavam vasos e potes de água, vendidos à beira de uma distante estrada.

Em meio à caminhada, Fritz tropeçou em algo. Fixou o olhar para o chão e deparou-se com uma roda dentada. Viu uma engrenagem de metal. Sua formação o fez parar e examinar do que se

tratava. Encontrou, mais adiante, atrás de um arbusto, a parte maior da qual era integrante a roda dentada. E reconheceu uma velha maromba.

Soube, por Apatu C num alemão muito parecido com o seu, cheio de corruptelas C que pastores alemães que edificaram escolas de tijolos e telhas, meio século antes de Fritz aparecer, haviam construído ali uma olaria rural, semelhante àquela que ele viria a montar, fabricada no Sul, inspirada nos mesmos artesãos germânicos".

Pensou em seu bisavô Schüller. Refletiu, então, que o mal havia prevalecido sobre o bem. Alguém, nalgum momento do passado C quem sabe os homens acampados no velho bangalô, ou algum chefe despótico, contrafeito com a engenhoca de homem branco C havia destruído a antiga olaria, fonte geradora de melhoria e bem-estar.

Mas um novo turno se iniciaria na roda dos tempos. Outra máquina, essa comprada no Brasil, concepção, entretanto, de teimosos colonos alemães, estava por ser implantada".

Na introdução, Alberto da Costa e Silva, diz:

*Que este livro de Milton Guran nos traga outros. Sobre não só os agudás e amarôs do Togo, da República do Benim e da Nigéria, mas também sobre a comunidade tá-bom de Gana, a respeito da qual só conheço, em português, as valiosas notas que o ex-embaixador em Acra, o escritor Raymundo de Souza Dantas, preservou em África difícil.*

Num dos artigos publicados no *Correio do Povo*, da década de 1970, comento sobre a comunidade dos *tabons* e dou uma versão de sua origem.

Outra preciosidade que contém o livro de Guran, transcrevo a seguir:

Com a morte de nosso senhor, fomos libertados. Minha mãe não estava mais viva. Meu pai, que toda sua vida tinha sofrido de saudades da África, não queria mais nada além de rever sua terra natal: "Venha meu filho, vamos voltar ao meu país! Como a gente é feliz lá! Como a África é bonita!"

Eu resisti muito tempo, porque eu era realmente feliz, Mas acabei por querer, eu também, ver essa terra afortunada que fazia meu pai sonhar. Partimos num pequeno navio que nos trouxe a Aguê. Logo que desembarcamos, vi uma multidão de negros que saíam de suas cabanas e corriam em nossa direção. Eu estava desagradavelmente espantado de ver esses negros quase nus, que gritavam e pulavam em nossa honra.

Eles falavam uma língua incompreensível para mim. Fomos imediatamente levados à presença do chefe, que nos recebeu à moda africana, sentado no chão num canto de seu casebre miserável, no meio de galinhas, cabras e porcos... Eis aí, eu me dizia, umas cabanas bem miseráveis. Elas não passam, sem dúvida alguma, de simples abrigos para os escravos que vêm pescar para o rei... No dia seguinte, eu já estava prestes a partir, quando meu pai me disse: "Mas onde você quer ir, meu filho?" "Mas papai, você não quer partir hoje mesmo para a sua terra natal?" "Minha terra - surpreendeu-se ele -mas é aqui a minha terra, você não está vendo como somos bem recebidos? Dentro de dois dias teremos uma casa, porque o rei pôs todos os seus homens à nossa disposição."

Não consegui responder. Tinha o coração apertado, as lágrimas escorriam dos meus olhos. Estava decepcionado. Todos os meus sonhos de felicidade desapareciam. Então era aquilo a bela terra africana de que meu pai tinha tanto falado? Era lá naquela terra que ele tinha me prometido que viveríamos felizes?

O senhor compreende, padre, o desespero no qual eu caí? Eu vinha de um país civilizado, e de repente me encontrava entre os selvagens...

... Aqui, aqui, tenho de morar aqui, eu me dizia enquanto meus olhos cheios de lágrimas olhavam as coisas ao meu redor. Nossa casa é essa cabana de palha onde eu só entro de cabeça baixa, uma esteira suja no lugar da porta, o piso é a terra nua e minha cabeça quase que toca o telhado sem teto...

Fugi para a praia. O navio que tinha nos trazido desaparecia no horizonte. "Oh Bahia, Bahia, meu doce país, adeus!" Caí na areia, enlouquecido ...

Meu pai, rejuvenescido por seu contentamento, não tinha ainda pensado que talvez eu não estivesse feliz. Todos os dias eu o via cair nas orgias infernais da África com redobrado entusiasmo. Compreendi então o que tinha atraído tanto o meu pai: era a liberdade sem medidas da qual ele tinha desfrutado na sua juventude. Eu reclamei com ele e lhe disse que com uma vida daquelas ele estava perdendo a sua alma. Ele riu... Eu tinha sido criado na fé cristã, padre, conhecia bem a minha religião e não queria ter a alma danada...

Neste relato encontramos vários dos aspectos que marcaram a tomada de posição dos antigos escravos retornados face à sociedade africana reencontrada. Em primeiro lugar, há as diferenças de perspectiva entre o velho africano e o crioulo, o que é bastante importante porque pode servir de paradigma para ajudar a compreender o africano que partiu ainda menino para o Brasil. "Eu vinha de um país civilizado, e de repente me encontrava entre os selvagens se queixava o velho Francisco. Esta maneira de ver a realidade africana - a oposição civilização/selvageria - indica a postura dominante entre os ex-escravos e crioulos face aos autóctones, cuja repercussão chega até nossos dias, e de forma bastante ativa.

Amadou Hampâté Bâ (1994: 116) observa um fenômeno da mesma ordem nas relações entre os africanos que sofreram, muitos anos mais tarde, o impacto da colonização européia intensiva. Os que tinham sido colonizados primeiro se sentiam superiores aos outros, como relata o sábio peul:

E preciso abrir um pequeno parêntese para assinalar um fenômeno psicológico criado pela colonização e que eu pude constatar diversas vezes. Na época, certos indivíduos oriundos dos países que foram primeiramente colonizados se estimavam superiores aos outros em razão mesmo da anterioridade do seu contato com os colonizadores. Assim é que os sãoluizenses, por exemplo, independentemente do fato de desfrutarem da cidadania francesa (como seus compatriotas de três outras cidades senegalesas com status privilegiado, Dacar, Rufisque e Goréa), se consideravam as fênix dos negros da África porque tinham sido os primeiros a entrar em contato com os europeus, em 1558.

O velho Francisco e os outros retornados do Brasil não foram, portanto, nem mais nem menos do que os precursores de uma conduta mais tarde bastante disseminada pela África ocidental.

Percebe-se ainda, nas mágoas do velho Francisco, o apego ao catolicismo, considerado como uma evolução em relação à religião local.